PROJETO DE PESQUISA / CNPq / 2007

LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA URBANA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – FFLCH/USP

GESP: GRUPO DE ESTUDOS SOBRE SÃO PAULO
COORDENAÇÃO GERAL: Prof.ª Dr.ª Ana Fani Alessandri Carlos

PROJETO DE PESQUISA

SÃO PAULO: A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO COMO CONDIÇÃO CONTRADITÓRIA DA REPRODUÇÃO DO CAPITAL

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos sobre São Paulo (GESP) teve início a partir de reuniões de estudo sistemáticas em torno da necessidade de verticalizar a formação teórica dos alunos, aglutinando atividades inseridas em dois movimentos: a) estudo da urbanização contemporânea com base em pesquisas sobre a metrópole de São Paulo; e b) aprofundamento metodológico através do debate teórico-conceitual relacionado à análise urbana.

Essas atividades vêm sendo desenvolvidas desde janeiro de 2001 sob a forma de colóquios, workshops e seminários, realizados no Laboratório de Geografia Urbana (LABUR) do Departamento de Geografia da FFLCH/USP pela equipe coordenada por Ana Fani Alessandri Carlos. Composta por alunos de graduação e pós-graduação (mestrandos e doutorandos), esta equipe visa o estudo e discussão contínua de obras que permitem construir um espaço de reflexão sobre o fenômeno urbano moderno, teórica e praticamente. Deste modo, o grupo vem se constituindo ao longo do tempo como um "ambiente de estudo" voltado à reflexão e ao debate sobre os processos reveladores dos conteúdos da
urbanização a partir da cidade de São Paulo.

No presente momento o GESP assume nova abrangência diante de sua própria consolidação como um grupo de *estudo* – com seis anos de atividades ininterruptas – que busca também se consolidar enquanto um grupo de *pesquisa* capaz, neste momento, de

produzir um conhecimento geográfico da urbanização paulistana. Disto resulta a necessidade de construir uma pesquisa sólida que permite um diálogo e um debate cada vez amplo, o que abre frentes de trabalho com pesquisadores, tanto com professores do Departamento de Geografia como com pesquisadores de fora dele, inclusive de outras disciplinas igualmente preocupadas com o estudo da temática urbana. Com isso, ampliamos as possibilidades de pesquisa sobre a metrópole de São Paulo permitindo novos desdobramentos teóricos-metodológicos, sempre visando a construção de uma Geografia crítica.

Entendida como um compromisso de analisar a realidade urbana em seu movimento contraditório e enfocando os conteúdos que explicitam a desigualdade vivida concretamente no processo de urbanização contemporâneo, essa “Geografia crítica” visa a construção de um projeto de “uma outra cidade”. Isto porque cada momento histórico abre um campo ilimitado de possibilidades, trazendo como conseqüência a necessidade de uma reflexão que elucide nossa época. Trata-se, portanto, de um fórum empenhado na organização de um conhecimento cujas prerrogativas de método substanciam uma análise da reprodução sócio-espacial, e que busca, através de uma análise geográfica, superar pressupostos analíticos formais tais como sistemas, índices e modelos.

Apresentamos aqui a totalidade de um projeto de pesquisa orientador de uma forma de construir uma análise geográfica da realidade urbana de São Paulo. O primeiro ponto se trata de revelar um caminho teórico fertil capaz de fundamentar teórico-metodologicamente a investigação na perspectiva da construção de uma “Geografia Urbana Crítica“. O segundo ponto revela a totalidade de uma pesquisa que, neste momento, se pretende iniciar por um desdobramento temático específico, conforme exposto e justificado no texto a seguir.

1. A CONSTRUÇÃO DE UMA “GEOGRAFIA URBANA CRÍTICA”

Esta perspectiva de análise será desenvolvida juntamente com a pesquisa sobre a cidade de São Paulo, de modo a permitir uma articulação mais profunda entre teoria-prática, ou seja, entre a construção de uma compreensão sobre a cidade de São Paulo fundada em uma Geografia Urbana crítica e nos conteúdos teóricos desta Geografia.

Trata-se de desenvolver de forma mais sistemática uma compreensão sobre a Geografia Urbana apoiada em uma vertente teórico-metodológica baseada em Marx e Lefebvre. Tal vertente vem sedimentando a Geografia Urbana desenvolvida no LABUR por um grupo de professoras cujos resultados se concretizam sob a forma de orientação

de dissertações de mestrado e de teses de doutoramento, bem como de artigos publicados em diversas revistas – dentre elas a revista Cidades – e também com a participação na rede internacional “La somme et le reste” inserida na revista eletrônica do mesmo nome.

Como afirmamos, o tema do projeto se insere em um conjunto de preocupações oriundas da tentativa de construção de uma problemática urbana a partir da Geografia. Isto significa dizer que esta pesquisa surge como consequência natural e necessária das reflexões realizadas nos últimos anos, em um contexto em que os debates acadêmicos se voltam para as consequências do processo de globalização no mundo. Este processo estabelece novas estratégias de reprodução do capitalismo que aprofundam as contradições e geram novos movimentos sociais de contestação, impondo novos desafios para a análise. É nesta medida que ganham espaço no cenário mundial “fóruns sociais” como o “outro” do “fórum econômico”, colocando na ordem do dia o debate em torno da “governança” como algo fundante da gestão democrática da cidade, que por sua vez se apóia nos conceitos de “cidadania” e de “direto à cidade”.

Trata-se de um momento no Brasil em que nos deparamos, de um lado, com a criação do Ministério das Cidades – e com ele a abertura de um debate em torno de uma nova gestão do espaço urbano – e de outro, com a produção de um discurso que legitima esse projeto político, muitas vezes desacompanhado de críticas mais profundas, o que cria o “ambiente” acadêmico de apoio quase integral ao projeto de “gestão democrática” baseada nos “orçamentos participativos” e nos “conselhos”.

Um conjunto de desafios permeia, portanto, a análise urbana atualmente no Brasil, na medida em que o objetivo *sine qua non* passa a ser pensar a cidade e o futuro da cidade como destino do homem. O primeiro desses desafios nos situa diante da provisoriedade da produção do conhecimento, o que nos propõe novos desafios interpretativos, pois, como afirma Henri Lefebvre, “o saber adquirido coloca-se em questão e o momento da dúvida pertence ao saber como aquele da afirmação”[1]. A história do conhecimento é aquela de sua própria superação. Com isso se esvai a possibilidade de proclamação de uma verdade absoluta; por isso entendemos que o desenvolvimento do pensamento geográfico envolve constantemente a sua crítica assim como o questionamento da própria disciplina. Além disso, nada nos autoriza a acreditar que há um único caminho teórico-metodológico possível para a construção de um saber

[1] Henri Lefebvre, Une pensée devenue monde, Fayard, Paris p. 75

sobre a realidade, o que significa que a proposta aqui apresentada é apenas uma destas possibilidades.

Um segundo desafio nos situa no contexto da produção geográfica sobre a cidade e o urbano a partir do entendimento da dimensão espacial, que é o *especificamente geográfico*. Lacoste[2], dentre muitos geógrafos, afirma que a razão de ser da geografia é "saber pensar o espaço em sua complexidade", o que nos dias atuais, sob a égide da globalização, torna-se fundamental, pois, como assevera Harvey,[3] a solução das crises e impasses do capitalismo, procurando facilitar a acumulação do capital e abrir caminho para a acumulação em um estágio superior, requer uma organização geográfica – o que resulta na produção capitalista do espaço.

Porém, pensar o espaço significa transcender a dimensão de localização dos fenômenos, pois a limitação a isto foi o que produziu e ainda produz a correlação imediata da geografia à pura e simples localização dos fenômenos. Assim, como escreve Orlando Ribeiro[4] em seu "Geografia e civilização", as formas, os sítios e as paisagens constituem o campo de trabalho do geógrafo, mas, partindo da observação, ele ascende ao homem". Deste modo, entendemos que o enfoque espacial envolve a sociedade em seu conjunto, em sua ação real e concreta materializando-se através de uma prática sócio-espacial, que diz respeito à vida humana. Enfim, muitos outros desafios emergem no horizonte da realidade urbana e de sua análise, mas todos eles se ligam de certo modo ao debate brasileiro em torno do "direito à cidade", discussão esta que convoca os pesquisadores a pensar as possibilidades futuras postas à sociedade brasileira como caminho de superação dos problemas vividos na cidade.

Essas considerações iniciais explicam a necessidade da elaboração de um conhecimento crítico como condição para o entendimento do mundo moderno, o que não se faz sem dificuldades, pois a Geografia nos apresenta os limites das ciências parcelares, cuja especialização, ao se apoiar na fragmentação da realidade, tende a limitar o campo dos problemas. Evidentemente, este não é um problema apenas da Geografia – todas as ciências parcelares se encontram diante dessa limitação. Ademais, a produção de um entendimento sobre a cidade e o urbano coloca-nos uma outra dificuldade, já que por ser objeto de estudo de várias disciplinas vemos uma insuficiência na condução das investigações ditas interdisciplinares, já que não se trata de reunir os fragmentos, mas de pensar o fenômeno urbano – através das ciências parcelares – em

[2] Yves Lacoste, Paysages politiques, Biblio Essais, Paris, 1990, página 35
[3] David Harvey, Espaços de esperança, Edições Loyola, São Paulo, 2004, pp. 80/81
[4] Orlando Ribeiro, Geografia e Civilização, Livros Horizonte, Lisboa, 1992 página 10

sua complexidade. O desafio orientador da reflexão consiste em investigar até que ponto é possível, a partir da Geografia, produzir uma compreensão sobre a realidade urbana em sua totalidade dialética.

No momento atual a produção da cidade aparece e é vivida pelos cidadãos enquanto exterioridade, revelada pela prática urbana fragmentada, pelo desenvolvimento da propriedade privada que se realiza contra a apropriação, pela normatização do poder político e pelas necessidades de reprodução continuada do ciclo do capital – todos elementos que surgem como negação da vida. Isto significa dizer que a reprodução do espaço urbano mostra que a urbanização verificada no século XXI se realiza por meio da extensão e do aprofundamento da contradição entre a produção social do espaço e sua apropriação privada. Esta situação atualiza os termos da alienação no mundo moderno, ao mesmo tempo em que sinaliza a tentativa de superação dessa alienação através da luta em torno do “direito à cidade“ como *negatividade*. No plano teórico, essa reflexão que fundamenta a crítica e abre-se para a construção de uma **metageografia**, centrando a produção do conhecimento na problemática aberta: aquela da constituição da sociedade urbana e da sua análise teórica.

2. SÃO PAULO: A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO COMO CONDIÇÃO CONTRADITÓRIA DA REPRODUÇÃO DO CAPITAL

A observação da paisagem de São Paulo evidencia uma morfologia que se apresenta num primeiro momento como diferenciação na materialidade aparente. Contudo, é necessário avançar na análise através da crítica que desvende os processos que fundamentam os conteúdos desta forma, baseada na premissa da análise das contradições constitutivas, inerentes e mesmo estruturantes do processo de reprodução social. Portanto, não se trata da busca de harmonizações e equilíbrios, assim como possibilidades de qualquer ordem de estabilização, e tampouco de classificações que regeriam um suposto *funcionamento social*, mas sim de explicitar os conflitos que revelam as contradições pelas quais a sociedade se reproduz a si mesma por meio do conjunto de relações sociais que compõem a totalidade na cidade. Essa perspectiva busca o conteúdo dos processos, superando análises que reduzem a cidade seja a um quadro físico ou a um ambiente construído, pretendendo também superar a síntese manifesta por conjunto de índices.

Do ponto de vista da Geografia, caminhamos para a superação da noção de “organização espacial“ na medida em que, ao abordarmos a espacialização dos fenômenos sociais numa dialética na qual a sociedade ao produzir-se constitui um espaço real e praticamente, caminhamos para a “produção do espaço”, entendido como dimensão da sociedade que ganha sentido como condição, meio e produto da reprodução social. Assim, o ato que produz a sociedade tal qual a conhecemos é também um ato de produzir um espaço – as relações sociais se realizam deste modo em espaços-tempos passíveis de serem apropriados, reconhecidos. Portanto, partimos da **hipótese** de que a reprodução da sociedade é também a reprodução do espaço em vários níveis, isto porque a complexidade do fenômeno urbano abriga a vida social em todas as suas dimensões.

A preocupação inicial quanto à consideração da morfologia espacial – que compõe um primeiro momento da pesquisa – nos coloca diante da importância da descrição como ponto de partida do trabalho analítico, que, todavia, não deve limitar-se a ela, e sim compreendê-la como nível mais imediato de apreensão do real. Como tal, a descrição aponta apenas para a dimensão daquilo que é visível e perceptível, não se confundindo direta e imediatamente com os conteúdos sociais não evidentes. Muitas das análises tomam dados com objetivos de explicar os processos de produção da metrópole e suas dinâmicas, porém não superam o nível de constatação que os dados representam. Tomando os dados em si mesmos, estas análises não alcançam as contradições, atribuindo, ao contrário, um efeito de continuidade, linearidade e naturalidade aos fenômenos sócio-espaciais. É assim que o percurso de desvendamento da morfologia deverá nos conduzir a uma superação dos conceitos de diferenciação, exclusão, segregação, etc., conceitos carregados de aspectos ideológicos, para iluminar as **desigualdades sócio-espaciais**.

Neste quadro teórico, elementos e categorias centrais do marxismo são atualizadas pela análise geográfica da realidade a partir da seguinte questão: quais são as contradições com as quais nos deparamos ao analisar a metrópole hoje? A cidade segregada, visível na paisagem e presente nas análises urbanas, aparece, freqüentemente, como o produto de um processo mal compreendido ou escamoteado pela própria teoria que se propõe a entendê-la. A reprodução do modo de produção através das relações de produção comandadas pelos auspícios reprodutivos do capital tem envolvido a vida social em uma perspectiva totalizante, o que nos leva, inclusive, a questionar os termos de sua materialização. Tal materialização inclui crescentemente o

espaço como condição, meio e produto de sua realização, o que define um caminho de pesquisa e reflexão.

Assim dito, a capitalização ou valorização como meta perpétua dos capitais – sejam eles pequenos ou individuais, circulantes local ou regionalmente, sejam os grandes capitais transnacionais circulantes à escala mundial – imputam à vida social uma série de implicações, que muitas vezes balizam as vias de acesso (ou de não-acesso) ao espaço através da propriedade privada (domínio do valor de troca, da mercantilização do espaço e sua territorialização no solo urbano) e da apropriação (domínio relativo do uso, dos espaços improdutivos que regem centralidades lúdicas). Delineiam-se assim os termos de uma contradição elementar, segundo a qual a produção do espaço é sempre uma produção social e coletiva, ao passo que sua apropriação quase sempre é privada. A partir deste entendimento, torna-se possível pensar em uma justaposição e mesmo em uma inerência entre a morfologia espacial e a morfologia social presentes no urbano, sinalizando para os processos de fragmentação, hierarquização e homogeneização do espaço. Se esta tríade elucida o plano lógico, a dialética se ilumina através dos conflitos em torno da concretização espacial desse processo, o que nos fornece elementos para a reflexão não apenas sobre uma reprodução social, mas, sobretudo sobre uma **reprodução sócio- espacial**.

A morfologia espacial de São Paulo sinaliza um processo contraditório de apropriação fundada na acumulação e concetração da riqueza, da propriedade privada e do poder em mãos de determinado grupo social, o que aponta para a desigualdade. Isto ajuda a explicar as lutas no inteiror e fora da metrópole, observáveis no modo das “ocupações de terrra“ – tanto na cidade como no campo – como questionamento da lógica reprodutora do espaço urbano. Desigualdade que se realiza concretamente no plano da vida cotidiana pelo aprofundamento das cisões.

Nesse processo, a produção do espaço também evidencia a passagem da hegemonia do capital industrial para a hegemonia do capital financeiro, que passa a produzir novos “marcos” na paisagem urbana. Mostra também persistências e rupturas tanto no que diz respeito à paisagem, quanto no que diz respeito às relações sociais que se desenvolvem, se recriam, desaparecem ou permanecem. Nesse sentido, um ponto importante com o qual nos deparamos na pesquisa sobre São Paulo é aquele da realização contraditória da modernidade na metrópole, visto que, aparentemente (ideologicamente), vivemos um processo de modernização. Mas até que ponto ela houve e quais as particularidades da efetivação da modernidade em São Paulo?

O processo que se vislumbra é aquele de, cada vez mais, notarmos a transformação de áreas objetivando a formação de novas centralidades, incluídas numa dinâmica internacional em inúmeras esferas, com equipamentos sofisticados para o seu suporte, edifícios inteligentes, etc., compondo os eixos de valorização imobiliária ligados à realização do terciário moderno. Evidencia-se nesses espaços em valorização a concentração de infra-estruturas que demonstram uma espacialização do orçamento público voltada aos interesses de frações das classes dominantes. Ao mesmo tempo a precarização maior das condições de vida de parcelas grandes da sociedade, que se vêem cada vez mais excluídas (incluídas perversamente) socialmente e espacialmente (nas periferias, favelas, cortiços) das centralidades urbanas, assim como se vê um empobrecimento geral da sociedade. Aqui revela-se a contradição entre integração/desintegração – dos lugares da metrópole em relação ao mundial anunciado, como espaço de realização do capitalismo – repondo os termos do debate centro-periferia. Numa outra escala articula-se, dialéticamente, o local e o mundial em suas contradições (internas a cada um dos termos e entre eles).

A partir do desvendamento desse processo os outros momentos da pesquisa irão se delineando de forma mais clara de modo a artricular os níveis da realidade compreendida através da produção/reprodução do espaço urbano enquanto produção/reprodução da vida na cidade em suas contradições e conflitos com a reprodução capitalista, anunciando um “projeto de cidade latente“ à sociedade.

Objetivos

O objetivo dos trabalhos a serem desenvolvidos pelo grupo é o de realizar uma pesquisa sobre a metrópole como uma possibilidade de pensar a cidade e o urbano frente aos desafios postos pela generalização do fenômeno urbano no Brasil, a partir da Geografia e por meio de uma reflexão sobre como se espacializam os fenômenos sociais. A urbanização contém processos reais e concretos que, efetivamente, transformam a prática sócio-espacial em um cotidiano invadido por normas cada vez mais rígidas e que tendem a separar as pessoas e os lugares da vida.

Assim, a análise da cidade e do urbano não prescinde de uma articulação entre o econômico, o político e o social, pois uma vez que o fenômeno urbano diz respeito à vida do homem e ao humano, faz-se necessário pensar a realização dessa humanidade em suas múltiplas dimensões, bem como as mediações que atravessam as relações sociais, através de um movimento do qual emergem contradições centrais para a análise da

cidade (principalmente em um momento em que as relações sociais deixam de ser marcadas por uma imediaticidade e tornam-se cada vez mais mediatas). Trata-se aqui, portanto, de um caminho metodológico que coloca como central as noções de produção e reprodução.

É necessário, inicialmente, chamar atenção – como faz Henri Lefebvre em várias de suas obras – para o fato de que a noção de produção extrapola a simples produção de mercadorias, e passa a dizer respeito a produção de ideologias, de valores, de costumes, do espaço e até do próprio homem, guardando em si uma dupla determinação de ser material e filosófica ao mesmo tempo. A noção de reprodução refere-se a um processo com uma escala maior que reproduz as produções já existentes, porém contém dentro de si novas produções, daí ser considerada como uma categoria de análise totalizante. É neste sentido que além das noções de produção e reprodução, a noção de totalidade também é central em nosso trabalho.

Níveis de análise

A tese inicial aponta para o movimento de exteriorização do processo de produção do espaço da metrópole em relação ao cidadão e à vida. Essa tese revela a compreensão do momento atual da reprodução do espaço urbano da metrópole de São Paulo como desvendamento dos conteúdos da urbanização atual, e nesta medida torna-se relevante elucidar os momentos desse processo/momento.

Portanto, coloca-se como objetivo, construir um entendimento sobre os conteúdos do atual processo de urbanização em suas contradições, visando a elaboração de um projeto outro de sociedade fundado nos conteúdos mais profundos do **"**direito à cidade". Este projeto apoia-se numa interpretação/compreensão do fenômeno espacial, inserido no processo de urbanização contemporânea da metrópole paulistana a partir da perspectiva criada pela Geografia, buscando contribuir para a construção de um entendimento sobre o mundo a partir da análise da espacialidade dos processos pelos quais a sociedade se reproduz, trazendo a materialidade do processo social como ponto de partida da análise geográfica.

Trata-se de um movimento que se produz articulando três níveis da realidade, notadamente, o social, o político e o econômico, em suas relações contraditórias. Essa perspectiva revela o sentido estratégico assumido pelo espaço na atualidade, momento em que ocorre a produção e a especialização dos lugares da cidade para o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. É frente às contradições internas do seu

próprio processo de reprodução que o capitalismo integra o espaço reproduzindo-o como uma estratégia para a superação das sucessivas crises de acumulação inerentes a ele.

A complexização do processo de produção do espaço urbano nos coloca diante de profundas transformações vividas pelas cidades no modo de produção capitalista em dois momentos históricos: o primeiro momento diz respeito ao processo de produção das aglomerações urbanas que criam possibilidades ampliadas para o desenvolvimento urbano-industrial; e o segundo momento – em que nos concentramos – é aquele da reprodução, e se refere ao movimento atual de passagem de uma economia industrial para uma economia terciária moderna, que exije a produção de uma urbanização complexa, voltada para a produção de espaços que permitam a realização da nova dinâmica econômica, marcada por uma intensa atuação do setor financeiro e revelando uma nova relação Estado-espaço.

Nestes movimentos de reprodução sócio-espacial, o espaço torna-se objeto e instrumento de aplicação da racionalidade econômica. Torna-se, em essência, mercadoria, que, sustentada pelo político, traz mudanças substantivas para a prática sócio-espacial, mostrando que este processo possui uma materialidade concreta que ganha existência na vida cotidiana e que nele surgem novas contradições. Porém, é importante destacar que o momento da reprodução não elimina aquele da produção.

Fundamento da investigação

O trabalho de pesquisa fundamenta-se nas possibilidades abertas pela chamada “geografia urbana crítica”, que se efetiva através da reflexão teórica ancorada, no arcabouço teórico-metodológico herdado de Marx, e abrindo-se para a literatura sobre a urbanização no âmbito das ciências humanas, particularmante na Geografia. Henri Lefebvre, por sua vez, adquire fundamental importância em nossa orientação analítica por ser um pensador que prolongou o pensamento de Marx ao analisar as continuidades/descontinuidades da reprodução da sociedade moderna em relação ao século XIX (analisado por Marx), e destacar a centralidade do **problemática espacial** em suas reflexões.

A proposta que delineamos no bojo deste encaminhamento é a de pensar a cidade de São Paulo por meio da articulação de pesquisas que contribuam para a análise empírica das contradições da produção social do espaço. Nessas análises, busca-se, inclusive, delinear a capacidade da universalizão dos conceitos e categorias trabalhadas, sugerindo procedimentos analíticos sobre o real em uma relação local/mundial (tendo a

metrópole por mediação) que, para além de uma dicotomia lógica, expõe a tríade dialética integração-desintegração-persistência nos diferentes fragmentos da totalidade metropolitana envolta na dialética local/global.

Se há um fio condutor para a realização desse projeto, ele todavia se abre para as possibilidades apontadas pela pesquisa, sugerindo, inclusise, leituras diferenciadas do urbano, que certamente serão construídas ao longo da realização prática do projeto apoiadas/sugeridas por uma bibliografia mais abrangente, sem, no entanto, deixar de apoiar-se no objetivo central de construção de uma análise crítica da realidade orientadora de um projeto de uma “nova sociedade” .

Pensar o caminho para a transformação radical da sociedade sinaliza a construção de uma crítica radical do existente e a realidade produzida de forma conflituosa e desigual revela a “dialética do mundo”.

Movimentos da análise

O processo de urbanização revela, no plano espacial, as estratégias de reprodução do próprio espaço, do capital e da vida na cidade. Neste sentido, a metrópole aparece como mediação entre duas instâncias: as relações mais gerais da sociedade e as relações sociais tecidas no plano da vida cotidiana, e essa articulação ocorre concretamente na (re)produção do espço urbano. Tal raciocínio permite pensar uma articulação concreta dos níveis e dimensões de análise, em que o nível global se estabelece através da relação entre as decisões tomadas no plano do Estado juntamente com instituições de poder e dominação e através da realização de uma economia que garanta a reprodução capitalista. O nível global –isto é, o do Estado – permeia toda a sociedade, estruturando-a através da instauração de uma lógica de dominação social marcada fortemente por uma racionalidade que produz e impõe normas e restrições, levando a uma homogeneização, em contradição com uma sociedade cada vez mais hierarquizada e desigual.

Frente ao sentido estratégico que o espaço possui hoje para o desenvolvimento do capitalismo, elaboramos a idéia de que a reprodução do capital se dá atualmente em três setores da economia, por meio da (re)produção do espaço: o capital financeiro, o turismo e também o tráfico de drogas.

O primeiro revela o movimento de passagem de uma economia industrial para uma economia voltada para o terciário moderno e o movimento de passagem da preponderância do capital industrial para o capital financeiro na economia metropolitana,

são dois movimentos que em sua constituição revelam o momento atual de urbanização de São Paulo. A articulação entre eles e a sua análise nos revela os caminhos, as tendências e as virtualidades do processo de reprodução do espaço urbano em São Paulo e sua inserção na economia contemporânea. É através deles que podemos analisar o processo de valorização/desvalorização dos lugares na metrópole, bem como a tríade integração/desintegração/reintegração de espaços, que sofrem transformações específicas no contexto metropolitano ligados a este momento atual da urbanização paulistana.

No contexto de desvalorização/valorização dos lugares da metrópole damos destaque para o processo de desindustrialização pontual que se desenrola em São Paulo. Vivemos hoje na metrópole de São Paulo uma tendência em direção à desconcentração industrial e uma centralização do capital (sendo este preponderantemente financeiro), o que não ocorre sem profundas transformações no tecido urbano, bem como no plano da prática sócio-espacial e da vida cotidiana. Entretanto, não são todos os espaços da metrópole que se transformam no mesmo ritmo e ao mesmo tempo, daí a importância do par valorização/desvalorização relativos aos lugares da metrópole.

A desconcentração industrial que ocorre hoje na metrópole tem a ver com o processo de deslocamento, principalmente para o interior do estado de São Paulo, da fábrica de muitas indústrias, porém permanecendo em São Paulo a sede da empresa, o que revela a concentração do comando da economia na metrópole e a diminuição de unidades industriais. Junto a isso, existe uma concentração e desenvolvimento do setor terciário moderno, que abrange principalmente a área financeira, de informática/informação, consultoria e de serviços sofisticados, o que vai requerer a construção de um novo espaço para o desenvolvimento dessas atividades. Simultaneamente também ocorre em São Paulo um processo de deslocamento de estabelecimentos industriais, o qual nos aparece de forma pontual em certos bairros da metrópole, mas não no conjunto metropolitano, ou seja, isto ocorre nos antigos bairros industriais, os quais perderam/perdem as indústrias que vão se localizar em outros pontos da metrópole ou fora dela, o que não indica o esvaziamento industrial da metrópole e sua importância como pólo industrial nacional e centralizador de capital.

Partindo desses dois movimentos, **daremos ênfase em nossa pesquisa** às novas relações entre o capital financeiro e o setor imobiliário de ponta (residencial e comercial) no sentido de elucidar as estratégias empreendidas por esses sujeitos sociais que realizam a produção concreta do espaço da cidade como reprodução de seus negócios.

Estamos diante de novos conteúdos que reiteram, de modo ampliado, a cidade como negócio, no qual o solo urbano que é um bem imóvel torna-se importante para dar mobilidade maior aos capitais. Integra-se no movimento reprodutivo em outra escala, deixando de ser somente reserva de valor em época de crises da produção industrial para desempenhar um papel produtivo no ciclo de reprodução capitalista. Como modo de apreender este processo torna-se central acompanhar as novas atividades de empresas empreendedoras imobiliárias diante de seus processos recentes de capitalização via uma intensificação com o capital financeiro, tal como as aberturas de capital realizadas em bolsa de valores. Articulado a isso nos debruçamos sobre a produção de novos espaços na metrópole onde se desenvolve um mercado imobiliário de ponta voltado a construção de grandes edifícios corporativos nos quais os representantes da "nova economia" se instauram.

O segundo setor é o desenvolvimento do turismo como possibilidade de reprodução capitalista: uma atividade que vende o espaço, colocando-nos diante de novas contradições. A nossa análise apóia-se na hipótese de que o turismo se transforma num momento da produção do espaço voltado ao consumo dos lugares.

Os dois primeiros setores mencionados acima nos revelam o desenvolvimento do espaço-mercadoria; os espaços da cidade e a cidade tornam-se mercadoria passível de venda no mercado internacional. O terceiro é o narcotráfico, que se efetiva através da dominação do espaço.

O processo de produção que atravessa de diferentes formas a vida do homem é revelador de como no plano do social observamos as transformações da sociedade. Do ponto de vista da análise da metrópole, "a espacialidade das relações sociais lê-se no plano da vida cotidiana, e a partir dela, articulada e redefinida no plano da reprodução das relações sociais, se compreende a multiplicidade dos processos que envolvem a reprodução da metrópole em seus mais variados aspectos e sentidos, iluminando a prática espacial, o modo como as pessoas se apropriam do espaço organizado pelas técnicas, por modelos socioculturais, dominado pelo Estado, fragmentado pelos empreendedores imobiliários (...)".[5]

A reprodução saída da história da industrialização conduz à urbanização quase completa da sociedade, colocando como realidade e virtualidade a sociedade urbana no plano do mundial. A mundialidade nos remete a espacialidade, colocando-nos diante de um movimento de passagem de uma dialética do tempo para uma dialética do espaço,

[5] Ana Fani Alessandri Carlos. "Espaço-Tempo na Metrópole". São Paulo, Contexto, 2001. p. 213.

como afirma Lefebvre. É nesse momento/movimento no qual a reprodução saída da história nos coloca diante de novas produções: o espaço, o urbano e o cotidiano. Aqui a Geografia assume um papel importante.

Todos os planos e níveis de análise se materializam e podem ser compreendidos a partir da consideração da vida cotidiana.

Desmembramentos temáticos

2.1. Desigualdade Sócio-Espacial

a) Paisagem e Morfologia urbanas

b) Relações centro periferia no processo de extensão do espaço-mercadoria

2.2. Espaço-Tempo da Reprodução da Vida Cotidiana

a) A prática sócio-espacial na metrópole

2.3. A economia política do espaço – os níveis de análise

2.4. Os espaços-tempos da reprodução do capital no movimento local/global

a) O espaço do capital financeiro

b) Os lugares do turismo e do lazer

c) Novos setores da economia paulista

2.5. As Novas Relações Estado-Espaço

a) O estado e o espaço – políticas urbanas

METODOLOGIA

A partir dos desdobramentos temáticos acima expostos, daremos início a nossa investigação através do aprofundamento de um dos temas: **os espaços-tempos da reprodução do capital no movimento local/global**. Ao integrar os três niveis de análise da realidade em questão (econômico, político e social), este tema estruturante abre caminhos para reconher processos gerais presentes nos outros temas, o que significa que ao iniciarmos a pesquisa a partir dele abrigaremos em parte todas as outras temáticas. Este tema expõe a centralidade da potência da economia sobre a sociedade urbana, como força de determinação, revelando-se como o motor das grandes transformações

vividas na cidade. Trata-se, no primeiro momento, de localizar as novas esferas da reprodução capitalista, como o setor financeiro e imobiliário, o turismo e o narcotráfico.

No interior deste tema, privilegiaremos uma pesquisa qualitativa, que, no entanto, não é de forma alguma desligada de análises quantitativas. Nossa preocupação inicial envolverá uma discussão sobre o papel central do solo urbano para a reprodução capitalista na cidade, detendo-nos nos procesos de valorização/desvalorização imobiliária, bem como do processo contínuio de instauração da lógica da mercadoria que se territorializa por meio da constituição/manutenção/ampliação da propriedade privada da terra. Para tanto, trabalharemos na compilação e análise de dados[6] relativos aos movimentos da valorização imobiliária em diferentes lugares da metrópole. Articulados a análise de dados, desenvolveremos pesquisas qualitativas – essencialmente entrevistas – diretamente com os sujeitos envolvidos neste processo. De um lado, na esfera da produção/realização, os empreendedores imobiliários e investidores, e de outro a esfera do consumo dessas mercadoria por empresas e habitantes.

CRONOGRAMA

A exposição do projeto em sua totalidade tem como objetivo deixar claro os caminhos orientadores de uma pesquisa mais abrangente sobre a cidade e o urbano a partir da metrópole paulistana, revelando uma orientação/direção que serão perseguidas na feitura de todo o trabalho e seus desdobramentos. Entretanto cumpre, nesse momento, reforçar que nosso ponto de partida para nossa pesquisa é partir do que chamamos de primeiro setor/esfera da economia central para a reprodução do capital que é a relação entre o setor financeiro e o imobiliário. Sinalizamos/localizamos como desenvolveremos no período de dois anos esse tema, que está inserido numa pesquisa mais ampla. Desta forma, o cronograma se refere ao desenvolvimento dessa temática durante os próximos dois anos; os outros desdobramentos da temática central fazem parte da pesquisa mas, que por sua abrangência será desenvolvida num período mais amplo que indicado neste edital.

Para viabilizar o desenvolvimento da pesquisa, elaboramos um cronograma simplificado que encadeia as atividades a serem desenvolvidas, que seguem abaixo:

A) Leitura de bibliografia específica sobre a temática;

[6] Embraesp, Pesquisa Origem/Destino do Metrô, Censo IBGE, Seade, Geosecovi, Bolsa de Valores de São Paulo, Sistema Financeiro da Habitação, Instituições bancárias e creditícias públicas e particulares, entre outros.

B) Colóquios, seminários e reuniões;

C) Coleta e análise de dados;

D) Trabalho de campo;

E) Worshops;

F) Redação de relatório parcial;

G) Divulgação dos resultados parciais no sítio do GESP;

H) Redação de relatório final;

I) Divulgação dos resultados finais no sítio do GESP[7].

2008												
Atividades	**Meses**											
	Jan	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**
A	X	X	X	X								
B	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
C				X	X	X	X	X				
D					X	X	X	X	X			
E											X	
F									X	X	X	
G												X

2009												
Atividades	**Meses**											
	Jan	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**
A	X	X	X	X								
B	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
C				X	X	X	X	X				
D					X	X	X	X	X			
E											X	
H									X	X	X	
I												X

Os cronogramas não possuem um caráter definitivo, principalmente o do ano de 2009, pois este foi inicialmente pensado em função das novas questões surgidas no ano anterior. Mas está aberto à modificações de acordo com o andamento dos trabalhos.

[7] www.fflch.usp.br/dg/gesp

EQUIPE

Coordenação

- Prof.ª Dr.ª Ana Fani Alessandri Carlos – DG/USP

Pesquisadora Colaboradora

- Prof.ª Dr.ª Glória da Anunciação Alves – DG/USP

Pesquisadores do DG/USP

Camila Salles de Faria (mestranda)

Danilo Volochko (doutorando)

Fabiana Valdoski (mestranda)

Frederico Bertolotti (mestrando)

José Raimundo Sousa Ribeiro Júnior (mestrando)

Júlio Cesar Ferreira Santos (mestrando)

Rafael Faleiros de Padua (doutorando)

Renata Alves Sampaio (graduanda – pesquisadora colaboradora)

Sávio Augusto de Freitas Miele (doutorando)

Secretaria

Floripes Piné Garcia

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

Carlos, A. F. A. *A (re)produção do espaço urbano.* São Paulo, EDUSP, 1996.

_____. Espaço e tempo na metrópole, Contexto, São Paulo, 2001

_____. São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro, in Geografias de São Paulo, Carlos, A.F.A e Oliveira A.U. org, pp 51-83, Contexto, São Paulo, 2004.

_____. Geografias de São Paulo, Carlos, A.F.A e Oliveira A.U. org, Volumes I e II, Contexto, São Paulo, 2004

_____. O espaço urbano, Contexto São Paulo, 2005

_____. e Carreras, C. Org, Urbanização e Mundialização – estudos sobre a metrópole, Contexto, São Paulo, 2005

Damiani, A. A propósito do espaço urbano: algumas hipótese, Revista Cidades, Presidente Prudente, Grupo de estudos urbanos- GEU, Número 1, 2004

Harvey, David. Los limites del capitalismo y la teoria marxista, Fondo de Cultura Económica, México, 1990

Henri Lefebvre, *La production de l´espace.* Paris, Anthopos, 1986.

_____. *Critique de la vie quotidienne* (3 volumes). Paris, L´Arche, 1958, 1961, 1981. (respectivamente.)

_____. *De l´Etat.* (4 volumes). Paris, Union Générale d' Éditions, 1976-1978.

_____. *Le droit a la ville suivi de l' éspace et politique.* Paris, Éditions Anthropos, 1974.

_____. *Posição: contra os tecnocratas*. São Paulo, Editora Documentos, 1969.

_____. *La revolution urbaine*. Paris, Gallimard, 1970.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática. 1991.

_____. *Le materialisme dialectique.* Paris, P.U.F., 1971.

_____. *Contribution a l´estetique.* Paris, Editions Sociales, 1953.

_____. *Le manifeste différentialiste*. Paris, Gallimard, 1970.

_____. *De lo rural a lo urbano.* Barcelona, Península, 1978.

Lefebvre, Henri & Regulier, Catherine. *Élements de Rythmanalise.* Paris, Éditons Syllepse, 1992.

Marx, Karl, Elementos Fundamentales para la critica de la economia política (borrador) Grundrisse, 1857-1858, Siglo vientiuno, M´wxico, 1977.

_____, A questão Judaica, Editora Moraes, São Paulo, s/d.

Pintaudi, S. Participação cidadã e gestão urbana, in Revista Cidades, Número 2, Presidente Prudente, Grupo de estudos urbanos- GEU, 2004.

Rodrigues, A.M, Direito à cidade e o estatuto da cidade in Revista Cidades, Número 3, Presidente Prudente, Grupo de estudos urbanos- GEU, 2005.

Seabra, O C L. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida, in Revista Cidades,
Número 2, Presidente Prudente, Grupo de estudos urbanos- GEU, 2004.